



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

09 de abril de 2015

A Notícia
Jefferson Saavedra
"De papel"

Papel / UFSC / Joinville / Campeonato de aviões de papel / Germano Timm



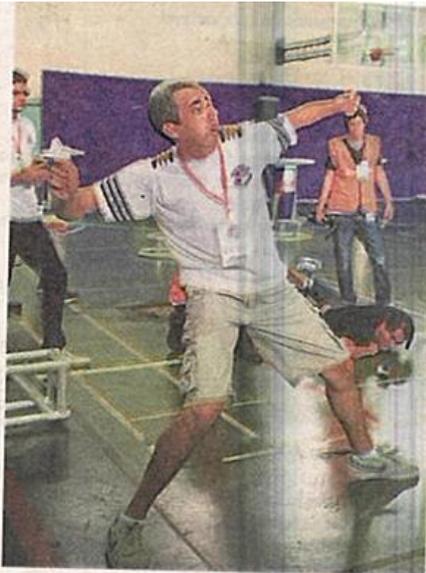
A Notícia
Cláudio Loetz
"Lenha, serragem e resíduos"

Lenha / Serragem / Resíduos florestais / Fontes de energia / Indústrias catarinenses / Biomassa / Eletricidade / Gás natural / Edson Bazzo / UFSC



"Catarinense estará na final de campeonato mundial"

Roberto Cidral / Áustria / Avião de papel / Red Bull Paper Wings / Filosofia /
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Danilo Silva / Brasil /
Brasília



Roberto Cidral irá para final na Áustria

AVIÃO DE PAPEL

Catarinense estará na final de campeonato mundial

Fazer um simples avião de papel voar por mais tempo e mais longe é o objetivo do Red Bull Paper Wings. A competição de aviões de papel pode parecer brincadeira, mas é coisa séria e vai levar Roberto Cidral, estu-

dante de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para participar da final mundial em maio, na Áustria.

O catarinense levou a melhor na categoria distância, atingindo a marca de 30,8 metros. Já na categoria tempo o campeão foi o goiano Danilo Silva, que conseguiu fazer sua aeronave planar por 12,01 segundos. Os dois irão representar o Brasil no campeonato mundial. Porém, o desafio no Exterior será grande. O recorde mundial da competição em distância de voo é de 69,14 metros e o de tempo de voo é de 27,9 segundos.

ETAPA BRASILEIRA REUNIU MAIS DE 20 UNIVERSIDADES

A final nacional do campeonato foi disputada ontem em Brasília entre os cinco melhores colocados de cada categoria (distância e tempo), que participaram das etapas classificatórias da competição, que aconteceram durante todo o mês de março em mais de 20 universidades do Brasil.

- Desde a última edição do campeonato, em 2012, eu venho me preparando para isso. Na época eu não competi, apenas assisti à etapa na minha faculdade e desde lá eu venho treinando para ganhar. Prometi para o meu filho que ia vencer, pratiquei bastante e levei a melhor - afirmou Roberto.

Notícias do Dia Cidade

“Menores flores do planeta estão na Ilha”

Campylocentrum insulare / Orquídea / Florianópolis / Ilha de Santa Catarina / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Herbário / Botânica / Santa Catarina / Carlos Siqueira / Epífitas / Ucad / Unidade de Conservação Ambiental Desterro

Menores flores do planeta estão na Ilha

As flores são tão pequenas que a dimensão não alcança 0,5 mm e a planta não tem folhas. São características que marcam a *Campylocentrum insulare*, a orquídea com a menor flor do planeta, que foi encontrada em Florianópolis. A descoberta da planta – cujo nome homenageia a Ilha de Santa Catarina – ocorreu em 2010, por um pesquisador da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), mas apenas em fevereiro deste ano, com a publicação do artigo científico em uma revista internacional e toda a comprovação necessária, é

que a descoberta foi divulgada.

A pequena orquídea já faz parte das 60 mil amostras do acervo do segundo maior herbário de botânica de Santa Catarina. “É um privilégio como pesquisador ter feito essa descoberta”, confessa Carlos Siqueira, que percorreu quase toda a Ilha para fazer o trabalho de pós-graduação em biologia de fungos, algas e plantas, sobre as orquídeas epífitas, que crescem sobre outras plantas, sem relação de parasitismo.

A descoberta da orquídea, no entanto, poderia

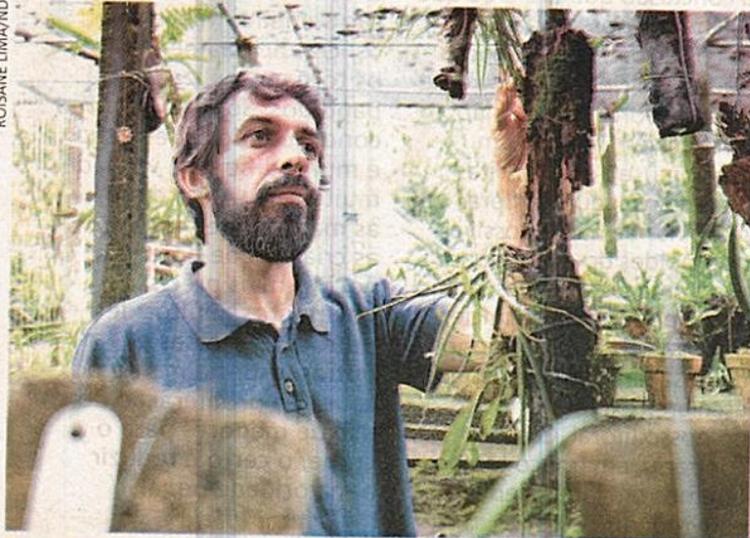
ter passado despercebida pelo pesquisador se não fosse seu olhar atento. O pequeno ponto branco no galho chamou a atenção de Siqueira na Ucad (Unidade de Conservação Ambiental Desterro). “Em um primeiro momento, achei que se tratava de um fungo, mas fiquei com aquilo na cabeça e trouxe no laboratório para analisar melhor”, conta.



Campylocentrum insulare.
Imagem ampliada
capturada de microscópio

DESCOBERTA DE ORQUÍDEA

ROISANE LIMA/ND



Pesquisador atento. Pequeno ponto branco chamou a atenção de Siqueira

Diário Catarinense Cristian Weiss

“Começa a temporada dos vestibulares”

Enem / Vestibulares / Universidades comunitárias do Sistema Acafe / Udesc / Instituto Federal de Santa Catarina / UFSC / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Inep / Paulo Ivo Koehntopp / IFC / Sisu / UFFS / AMPESC

COMEÇA A TEMPORADA DOS VESTIBULARES

Mal começou o segundo trimestre do ano e a maratona para o Enem ou para os vestibulares começa a engrenar. Na próxima semana, as 16 universidades comunitárias do Sistema Acafe abrem inscrição para o processo seletivo de inverno (veja detalhes abaixo). Nesta semana, a Udesc também abriu as inscrições. Serão 1.064 vagas presenciais e 320 a distância.

Também na próxima semana, o Instituto Federal de Santa Catarina terá o início das inscrições para cursos de graduação e técnicos. A maior do Estado, a UFSC, tem apenas processo seletivo de verão. As datas da prova e da inscrição só serão definidas no segundo semestre, mas devem seguir os padrões do ano passado: com inscrições a partir de setembro e provas em dezembro. Já o Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) ainda não confirma as datas das inscrições e da prova do Enem. Segundo o secretário-executivo da Acafe, Paulo Ivo Koehntopp, as informações preliminares dão conta de que serão no final de semana do dia 8 de novembro, já que a própria Acafe precisou dermarcar a data do vestibular de verão previsto para esse dia, para não concorrer com o exame nacional.

CONFIRA O CALENDÁRIO DAS PRINCIPAIS UNIVERSIDADES

UDESC

- Custo: R\$ 90 e R\$ 50 para EAD
- Vagas: 1.064 para cursos presenciais e 320 para EAD (Outros 25% das vagas serão destinadas ao Sisu)
- Cursos: 36 presenciais e Pedagogia a distância
- Fim da inscrição: 4 de maio
- Prova: 31 de maio, das 9h às 12h30 min e das 15h às 19h30min, em oito cidades
- Inscrições: www.udesc.br

ACAFE

- Custo: será definido na segunda-feira
- Inscrições: 13 de abril a 13 de maio

(inverno) e 15/9 a 15/10 (verão)

- Prova: 14 de junho, das 13h às 18h, (inverno), data do verão a definir
- Inscrições: www.acafe.org.br

UFSC

- Tem apenas vestibular de verão e a previsão é que as inscrições sejam abertas em setembro.

IFC

- Seleção feita pelo Enem e Sisu
- Para cursos do ensino médio integrado ao técnico, a seleção ocorre sempre no segundo semestre do ano.

IFSC

- Prova de cursos concomitantes, subsequentes e integrados: dia 14/6, de manhã e à tarde
- Vestibular da graduação: 21/6
- Inscrições para técnicos e graduação ocorrem entre 16/4 e 8/5
- Graduação: 50% das vagas é por prova (vestibular) e 50% é via Sisu
- Cursos técnicos: prova (exame de classificação), com exceção do campus Palhoça Bilingue, onde todos os cursos são por análise socioeconômica
- Outros cursos técnicos, profissionalizantes ou associados ao EJA dependem de análise socioeconômica

ENEM

- O MEC ainda não definiu a data para as inscrições e para a prova, mas deve ocorrer em novembro.

UFFS

- Seleção somente pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), feita a cada início de semestre

AMPESC

- Reúne as faculdades privadas de SC. Cada instituição tem processo individual. Informações serão divulgadas no site www.ampesc.org.br

A Notícia Sua Vida 24

“Educação básica tem que ser prioridade”

Renato Janine Ribeiro / Educação básica / Plano Nacional da Educação / PNE
/ MEC / Fies / Pronatec / Vestibular / Enem / Violência

ENTREVISTA | RENATO JANINE RIBEIRO, MINISTRO DA EDUCAÇÃO

“Educação básica tem que ser prioridade”

CAROLINA BAHIA

Um telão na sala de reuniões colada ao gabinete do ministro exibe em letras e números gigantes as metas do Plano Nacional da Educação (PNE). No comando do Ministério da Educação desde a última segunda-feira, o filósofo Renato Janine Ribeiro não tira os olhos desses objetivos, diante da árdua missão de qualificar o ensino no país. Um dia depois da posse, almoçou com técnicos da pasta, analisando uma por uma das metas, da alfabetização na idade certa à qualificação de professores.

Janine assume o MEC depois da passagem do ex-governador do Ceará, Cid Gomes, pela pasta. Professor da USP, chega com o apoio da academia e com tarefas urgentes. Reorganizar o acesso ao Fies e o repasse ao Pronatec, apesar dos cortes no orçamento, é uma delas. Ele, no entanto, escolhe o investimento no ensino básico como um dos seus principais desafios, envolvendo as universidades públicas nesta tarefa.

Nesta entrevista, o paulista de 65 anos estava acompanhado do secretário-executivo Luiz Claudio Costa. Com a voz rouca de tantos discursos e entrevistas, apresentou seus planos iniciais.

O senhor, como colonista, escreveu bastante sobre ética, individual e coletiva. Agora, está ingressando num governo que atravessa uma crise ética. Como o senhor se sente em relação a isso?

Eu sempre fiz críticas éticas à política, mas eu discordo que o problema seja de governo ou do PT. A condenação deve ser contra a corrupção praticada por quem quer que seja, pelo partido A ou B. O que eu acho muito ruim na política brasileira é que há uma discussão que instrumentaliza a questão da corrupção para atacar aquele lado do qual se discorda, mas que não quer no fundo o fim da corrupção. Quando a corrupção favorece a pessoa que está reclamando, ela finge que não existe. E isso é um sinal de uma imaturidade na discussão política.

E o sistema de controle? Agora o senhor está assumindo uma pasta que tem muitos programas e muito dinheiro público. O senhor



SABELLE ANAUO

na critérios de mérito e de justiça. O que já mudou está bem. Você não pode fazer um programa sem ter critério de qualidade.

O senhor pretende chamar as universidades para conversar a respeito do Fies?

Nós vamos conversar com, pelo menos, uma parte delas. Vamos ainda definir onde está o problema. Quer dizer, onde está o problema já se sabe, qual a ação vai se tomar para conversar com quais instituições.

As escolas brasileiras viveram décadas se preparando para o vestibular, agora o foco está migrando para o Enem. O senhor concorda com o modelo que existe hoje do Enem?

Essas coisas todas sempre podem ser discutidas, alteradas. O Enem trouxe alguns avanços muito significativos. Serve para ver como foi o ensino médio, para dizer para a sociedade inteira onde o ensino médio está bom ou está ruim. Todos os alunos e suas famílias têm que saber se aquela escola vale a pena ou não.

São frequentes os casos de professores acuadaos pela violência de alunos e pais. O senhor enxerga uma solução?

Cultura de paz é uma meta. São duas coisas ligadas: ética e cultura de paz. Nós temos que ter mais discussão ética. Mas é uma coisa muito delicada, que tem que ser feita com muito cuidado, porque não pode ser doutrinação. Tem que ser também um processo educacional. Doutrinar nunca é educar.

Qual a marca que o senhor quer deixar?

A preocupação hoje é este ano. Estou entrando num momento de dificuldades orçamentárias, então este momento vai exigir cuidados maiores. A meta do governo, minha meta vai no sentido de melhorar a educação, em tudo o que for possível, garantindo a justiça social, que acho que é um dos grandes ganhos (dos governos Lula e Dilma). Eu sou muito exigente em termos de qualidade, é um traço meu. Nós vamos continuar tendo educação regular, com diploma e tudo mais, mas temos que favorecer mais formas de educação em que as pessoas aprendam o que querem e como querem.

pensa em fazer um pente-fino?

Fazer um pente-fino é errado porque você tem que ter sistemas permanentes de controle. Já existem sistemas de controle. Ai você está vendo (aponta para o telão) as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Essas são as metas aprovadas no ano passado para serem atendidas até 2024, em 10 anos. Então, com essas metas você pode saber o que está sendo feito. Pode cruzar essas metas com as ações que existem, quanto foi despendido ou não. Pode então ter, eventualmente, alguém que faz uma prestação de contas primorosa, mas terminou o ano gastando mal. Do ponto de vista ético, eu não sei o que é pior, se é desviar o dinheiro ou não fazer aquilo que ele tem que fazer.

Uma das metas do PNE é a valorização dos professores. Quais os seus planos para incentivar o magistério?

Até 2020, o salário dos professores da educação básica, de Estados e municípios, deve chegar ao mesmo valor de quem teve a mesma escolaridade, que é uma chave absoluta para a carreira de professor ser atraente. Você faz quatro anos de biologia, por exemplo, e quer ser professor de biologia. Se

“A preocupação hoje é este ano. Estou entrando num momento de dificuldades orçamentárias, então este momento vai exigir cuidados maiores. A meta do governo, minha meta, vai no sentido de melhorar a educação em tudo o que for possível, garantindo a justiça social, que acho que é um dos grandes ganhos.”

o senhor ganha 72,7% do salário de seu colega que está trabalhando em um laboratório de análises químicas, por que você vai ser professor?

Por onde começa a qualificação da educação básica?

A educação básica é a meta. Hoje tem que ser a prioridade nacional. A União não está autorizada constitucionalmente a mandar nessa área, essa área é dos Estados e municípios. Mas a União tem escala, que é uma coisa que Estados e municípios não têm. Um exemplo que eu gosto de dar, de um futuro

que já está bem adiantado, é a questão da capacitação dos diretores de escola. Você pode pegar escolas que têm mais de 600 alunos, são 17 mil no Brasil, é um número manejável. Os Estados e municípios que quiserem dirão: só pode ser diretor de uma escola quem tiver passado por uma capacitação oferecida pelo MEC.

O senhor defende a participação das universidades federais. Como funcionaria essa integração?

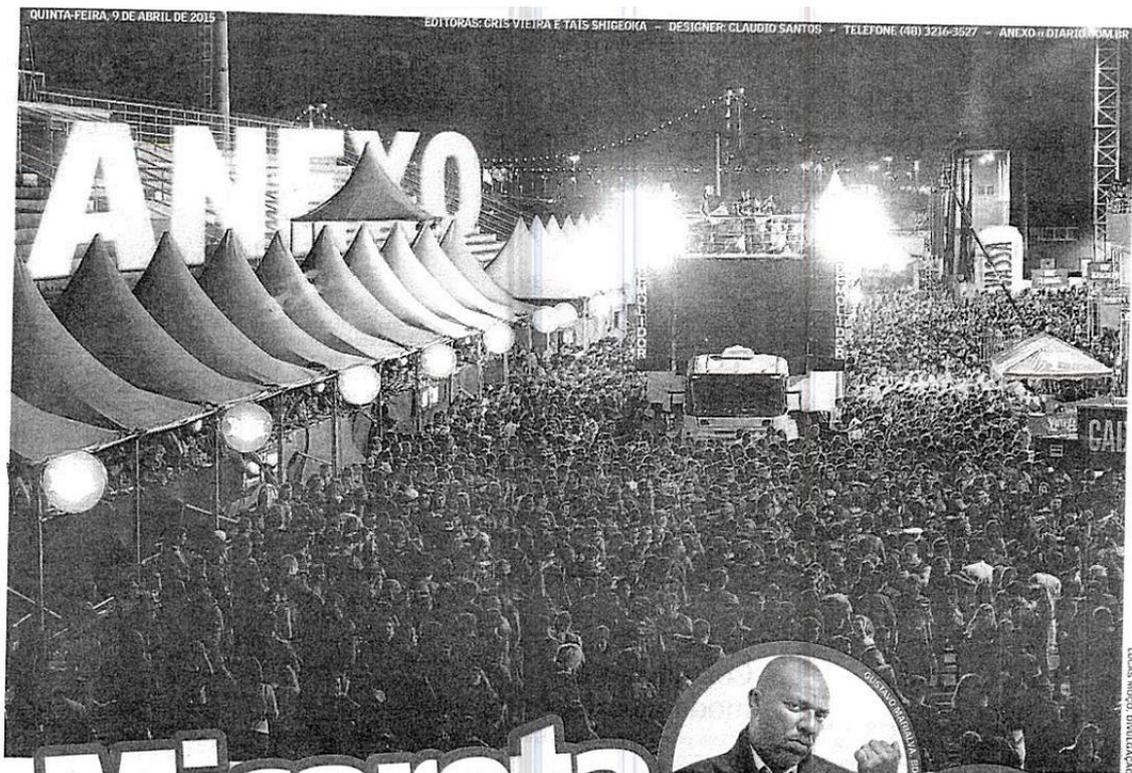
Na medida em que elas formam professores para o ensino básico. Na avaliação do professor se leva muito em conta o conhecimento científico e muito pouco a performance na sala de aula. Essa é uma crítica normal. Você tem que avaliar o professor ali e dar condições para ele de crescimento econômico, financeiro e social na medida em que ele consiga realmente motivar seus alunos.

No que depender do senhor muda mais alguma coisa nas regras do Fies? Há queixas sobre a restrição do acesso ao crédito com as novas regras.

Sou a favor das novas regras como ministro e como ser humano. Você não pode fazer com que dinheiro público seja utilizado por uma decisão que não te-

Diário Catarinense
Anexo
"Micareta em diferentes ritmos"

Micareta / Festa universitária / Brasil / Carnafacul / Funk / Sertanejo / Axé / Passarela Nego Quirido / Florianópolis / Mr. Catra / Bruninho&Davi / São Paulo / UFSC / Udesc / Santa Catarina / Paraná / Rio Grande do Sul / Sergipe / Leonardo Limas



Micareta

em diferentes

ritmos



Maior festa universitária do Brasil, Carnafacul deve reunir 10 mil foliões ao som de funk, sertanejo e axé

SANSARA BURITI, ESPECIAL
burit@sansara@gmail.com

A maior festa universitária do Brasil está de volta. A sexta edição do Carnafacul promete reunir 10 mil pessoas no sábado, em Passarela Nego Quirido, em Florianópolis, com dois trios elétricos, seis atrações e camarotes open bar. Neste ano, a aposta é na diversidade de estilos musicais para ampliar o público. Fãs de funk e sertanejo universitário não vão se sentir intrusos no meio da micareta, tradicionalmente embalada pelo axé.

O funkeiro Mr. Catra e os sertanejos Bruninho & Davi so-

bem no trio elétrico para agitar os foliões com a tríade mulherada-balada-bebida, presente em praticamente todas as letras das músicas. "Se namorar fosse bom, isso aqui tava vazio e a mulherada tava em casa", refrão de um dos sucessos da dupla, traduz a vibe do evento. É claro que os comprometidos são bem-vindos, mas o clima de pegação é a marca registrada desse estilo de festa de norte a sul do país.

Criado em 2004, em São Paulo - onde reúne anualmente cerca de 50 mil pessoas -, o Carnafacul se espalhou por 20 cidades do país, comprovando que as micaretas universitárias

são um nicho de mercado promissor e lucrativo, principalmente em locais com grandes universidades, como é o caso da UFSC e da Udesc.

Com ingressos que variam entre R\$ 60 e R\$ 230 (valores sujeitos a alteração), a edição em Florianópolis conquistou um público fiel, capaz de percorrer longas distâncias para participar do encontro.

Além de Santa Catarina, vem gente do Paraná, do Rio Grande do Sul e até de Sergipe. Definitivamente, o Carnafacul já faz parte do calendário de eventos da cidade - diz Leonardo Limas, coordenador de marketing da festa no Estado.

Estrutura

Os 24 camarotes chamados Panelinha, que acomodam 50 pessoas cada, estão esgotados. Ainda é possível garantir lugar no Camarote Devassa Premium - com open bar de cerveja, vodca, água e refrigerante. Outras opções são os abadás Bloco, para quem quer correr atrás do trio, ou Coringa, que dá acesso livre aos vários ambientes da festa. O Carnafacul contará com praça de alimentação, estacionamento para 2 mil carros no Centrosul e mais de cem seguranças.

Agende-se

O quê: Carnafacul Florianópolis
Quando: sábado, com abertura dos portões às 18h
Onde: Passarela Nego Quirido (Avenida Governador Gustavo Richard, 5000, Centro, Florianópolis)
Quem: Batom na Cueca, Psirico, Bruninho & Davi, Diana Dias, Fabio Dunk e Mr. Catra
Quanto: a partir de R\$ 60 - bloco 3º lote, a venda no Blueticket
Informações: carnafaculfloripa.com.br

Sylvio Back / Livro / EdUFSC / Kinopoems – O cinema vai ao poema / Cruz e Sousa / Paulo Leminski / Miguel Bakun / Fernando Pimenta / Rio de Janeiro / Brasil / Aleluia, Gretchen / Cronópios / Fábio Lopes / Editora / UFSC / Santa Catarina / Paraná / O poeta do Desterro / Blumenau

Talento híbrido

Blumenauense Sylvio Back une cinema e poesia em novo livro lançado pela EdUFSC

CAMILA IARA
camila.iara@santa.com.br

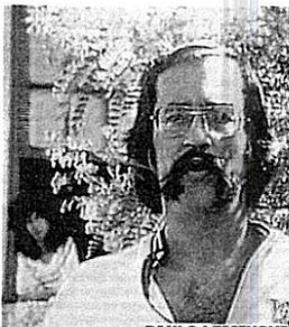
Nacionalmente conhecido pelos filmes que dirigiu, o cineasta blumenauense Sylvio Back é também um entusiasta da poesia. E foi inspirado por grandes poetas que ele lançou o livro *Kinopoems – O Cinema Vai ao Poema* pela EdUFSC.

A obra reúne três vertiginosos poemas em prosa, cada qual dedicado a três artistas brasileiros: os poetas Cruz e Sousa e Paulo Leminski e o pintor Miguel Bakun. O projeto gráfico é assinado pelo designer carioca Fernando Pimenta.

Até para falar sobre a obra o autor não consegue se desvincular da poesia:

– *Kinopoems* é, a bem da verdade, uma invenção às avessas: do bruxulear eletrônico os versos retornam ao leito de sua escrita primeva, quando foram criados. E também sacramenta uma contemporaneidade a toda prova: todos os códigos se imbricam, na horizontal, na vertical ou holisticamente. São tão simultâneos e permeáveis quanto interdependentes. Ou seja, se bastam.

Morando hoje no Rio de Janeiro, Back é um dos mais premiados cineastas do Brasil. Ex-jornalista e crítico de cinema, começou a trabalhar com direção cinematográfica em 1962. Já pro-



PAULO LEMINSKI

duziu 38 filmes entre curtas, médias e longas-metragens. *Aleluia, Gretchen*, de 1976, é considerado o filme brasileiro mais premiado daquela década. E qual será o segredo para diretores que também querem se aventurar no mundo da literatura?

– Não tenha medo: assine embaixo, essa é a sua linguagem! – responde.

Em entrevista ao *Anexo*, Back falou sobre inspirações, amizades, poesia e a relação com a cidade natal.

De onde surgiu a inspiração para o livro?

Inspiração é sempre uma epifania. Com *Kinopoems* não foi diferente. Originalmente, o livro era pura virtualidade. Surgiu como móbil audiovisual no conhecido portal *Cronópios* (cronopios.com.br), em 2006. Os versos ali se movem no éter e numa superfície autoinvertidos. Uma prestidigitada de câmara e fonemas com assinatura do descolado editor e designer paulista Pipol, em forma de páginas rigorosamente inconsúteis. Medusa tecnológica.

Qual é a proposta da obra?

Foi justamente no encaixe do imaginário da internet que, proposta a ideia de verter, digamos assim, estes chamados "poemas-roteiro" à concretu-

de e à espacialidade da folha de papel, ela encantou Fábio Lopes, editor da Editora da UFSC. Não demorou e diante dos soberbos personagens (os poetas Cruz e Sousa e Paulo Leminski e o pintor Miguel Bakun), cuja vida-obra-e-morte têm tudo a ver e a haver com filmes que realizei a respeito deles, os poemas acabaram se materializando ao longo de 2014/15 nesta belíssima colagem textual, tipográfica e fotográfica produzida pelo conhecido designer carioca Fernando Pimenta.

Por que decidiu dedicar os poemas do livro às três figuras em questão?

Antes de tudo por serem autores seminais não apenas da cultura de Santa Catarina e do Paraná, mas da cultura brasileira de todos os tempos. Miguel Bakun, João da Cruz e Sousa e Paulo Leminski deixaram uma irrepreensível obra completa. Quando pesquisava para escrever o roteiro de *Cruz e Sousa – O Poeta do Desterro* (1999) eu me perguntava: se ele tivesse sobrevivido à tuberculose que o matou aos 37 anos, o que mais teria escrito? O mesmo pensamento se aplica a Leminski, meu amigo pessoal quando morávamos em Curitiba entre as décadas de 60 e 80. Hoje, sem favor algum, talvez o poeta mais conhecido e reverenciado do Brasil pela sua erudição, inimitável diction e a própria bricolagem de seus geniais versos. Não fui íntimo de Bakun, o mais instigante, inquieto e angustiado pintor paranaense do seu tempo, mas o conheci em vida nas ruas, galerias, vernissages e bares da provinciana Curitiba na cúspide dos anos 60.

Suas obras têm alguma relação com o passado vivido em Blumenau?

Mesmo não sendo explicitamente citada, devo a Blumenau a extraordinária notoriedade que,

ao longo de décadas, tem muniado a fortuna crítica de *Aleluia, Gretchen*, grande parte filmado na cidade em 1975 e considerado o filme brasileiro mais premiado da década. Não à toa que a crítica o elenca como um clássico do nosso cinema, fato que muito me orgulha, pois o longa-metragem, além de referência em termos de linguagem, levantou pela primeira vez no país o conluio político do integralismo e do nazismo, então moeda corrente nos Estados Unidos durante a ditadura Vargas-Kubitschek. Se não pontual e geograficamente personagem de minha obra cinematográfica, poética, de roteirista e de escritor, Blumenau voeja por incontáveis fotografias, textos, entrevistas e versos.



CRUZ E SOUSA



KINOPOEMS – O CINEMA VAI AO POEMA
De Sylvio Back.
EdUFSC. 52 págs.
R\$ 40

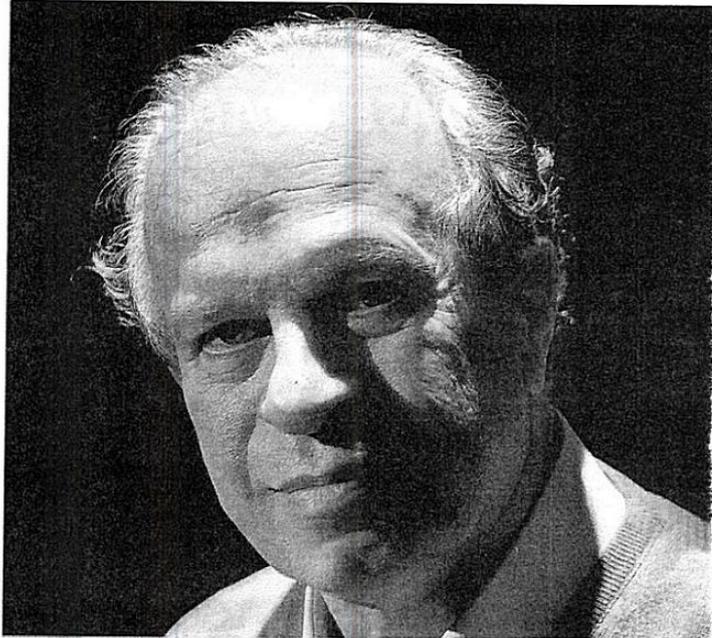
“Educação básica tem que ser prioridade nacional”

Renato Janine Ribeiro / Educação básica / Plano Nacional da Educação / PNE / Ministério da Educação / Alfabetização / Qualificação / MEC / Cid Gomes / Fies / Pronatec / Luiz Claudio Costa / Fundeb / Capacitação / Universidades federais / Fundo de Financiamento Estudantil / Vestibular / Enem / Violência / Desigualdade social / Inclusão social / Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa / Ensino fundamental / Ciências Sem Fronteiras / Pátria Educadora / Capes

“Educação básica tem que

CAROLINA BAHIA
carolina.bahia@gruporbs.com.br
RBS BRASÍLIA

Um telão na sala de reuniões colada ao gabinete do ministro exibe em letras e números gigantes as metas do Plano Nacional da Educação. No comando do Ministério da Educação desde a última segunda-feira, o filósofo Renato Janine Ribeiro não tira os olhos desses objetivos, diante da árdua missão de qualificar o ensino no país. Um dia depois da posse, o paulista de 65 anos almoçou com técnicos da pasta, analisando uma por uma as metas, da alfabetização na idade certa à qualificação de professores. Janine Ribeiro assume o MEC depois da passagem do ex-governador do Ceará, Cid Gomes. Professor da USP, chega com o apoio da academia e tarefas urgentes. Reorganizar o acesso ao Fies e o repasse ao Pronatec, apesar dos cortes no orçamento, é uma delas. Ele, no entanto, escolhe o investimento no ensino básico como um dos seus principais desafios, envolvendo as universidades públicas nesta tarefa. Também não teme assuntos polêmicos: defende que alunos da universidade pública devolvam à sociedade, de alguma forma, o incentivo que receberam ao longo dos anos. Com a voz rouca de tantos discursos, o ministro concedeu a entrevista ao DC.



O senhor, como colunista, escreveu bastante sobre ética. Agora, está ingressando num governo que atravessa uma crise ética. Como o senhor se sente em relação a isso?

Eu sempre fiz críticas éticas à política, mas eu discordo que o problema seja de governo ou do PT. A condenação deve ser contra a corrupção praticada por quem quer que seja, pelo partido A ou B. O que eu acho muito ruim na política brasileira é que há uma discussão que instrumentaliza a questão da corrupção para atacar aquele lado do qual se discorda, mas que não quer no fundo o fim da corrupção. Quando a corrupção favorece a pessoa que está reclamando, ela finge que não existe. E isso é um sinal de uma imaturidade muito grande na discussão política.

E o sistema de controle? Agora o senhor está assumindo uma pasta que tem muitos programas e muito dinheiro público. O senhor pensa em pedir um pente-fino?

Fazer um pente-fino é errado porque você tem que ter sistemas permanen-

tes de controle. Já existem sistemas de controle. Ai você está vendo (aponta para o telão) as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Essas são as metas aprovadas no ano passado para serem atendidas até 2024, em 10 anos. Então, com essas metas você pode saber o que está sendo feito. Pode cruzar essas metas com as ações que existem, quanto foi despendido ou não. Pode então ter, eventualmente, alguém que faz uma prestação de contas primorosa, mas terminou o ano gastando mal. Do ponto de vista ético, eu não sei o que é pior, se é desviar o dinheiro ou não fazer aquilo que ele tem que fazer.

Uma das metas do PNE é a valorização dos professores. Quais os planos para incentivar o magistério?

Até 2020, o salário dos professores da educação básica, de Estados e municípios, deve chegar ao mesmo valor de quem teve a mesma escolaridade, chave absoluta para a carreira de professor ser atracente. Você faz quatro anos de Biologia, por exemplo, e quer ser professor de Biologia. Se você ganha 72,7%

do seu colega que está trabalhando em laboratório de análises químicas, por que você vai ser professor?

Há toda uma discussão envolvendo Estados e municípios a respeito da mudança da forma de cálculo do reajuste para os vencimentos do magistério, não mais pelo Fundeb, mas pela inflação. O senhor é a favor da mudança dessa forma de cálculo do piso dos professores?

Isso eu tenho que estudar para poder responder. Essa negociação é muito difícil. E claro que um município ou Estado, para cumprir isso, tem que ter saúde financeira. Mas isso é uma coisa que ele tem que construir.

A União pode ajudar?

Eu não posso prometer recursos da União, não tenho delegação pra isso.

Por onde começa a qualificação da educação básica?

A educação básica tem que ser a prioridade nacional. A União não está autorizada constitucionalmente a

mandar nessa área, é dos Estados e municípios. Mas a União tem escala que Estados e municípios não têm. Um exemplo que eu gosto de dar, de um futuro já bem adiantado, é o da capacitação dos diretores de escola. Você pode pegar escolas que têm mais de 600 alunos, são 17 mil no Brasil, é um número manejável. Os Estados e municípios que quiserem dirão: só pode ser diretor de uma escola quem tiver passado por uma capacitação oferecida pelo MEC. Isso é uma questão de gestão.

O senhor defende a participação das universidades federais. Como funcionaria essa integração?

Na medida em que elas formam professores para o ensino básico. Na avaliação do professor se leva muito em conta o conhecimento científico e muito pouco a performance na sala de aula. Essa é uma crítica normal. Você tem que avaliar o professor ali e dar condições para ele de crescimento econômico, financeiro e social na medida em que ele consiga realmente motivar seus alunos.

ser prioridade nacional”

“
Até 2020, o salário dos professores da educação básica, de Estados e municípios, deve chegar ao mesmo valor de quem teve a mesma escolaridade, que é uma chave absoluta para a carreira de professor ser atraente. Você faz quatro anos de Biologia, por exemplo, e quer ser professor de Biologia. Se você ganha 72,7% do seu colega que está trabalhando em laboratório de análises químicas, por que você vai ser professor?”

Um problema ético sério da sociedade brasileira é a privatização do diploma. Você termina o curso na universidade pública e encara o diploma como uma propriedade privada. Não deve nada a ninguém, não deve nada ao governo, nada a sociedade, a universidade, você se lixa. Isso é horrível.

No que depender do senhor, muda mais alguma coisa nas regras do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies)? Há queixas sobre a restrição do acesso ao crédito.

Sou a favor das novas regras como ministro e como ser humano. Você não pode fazer com que dinheiro público seja utilizado por uma decisão que não tenha critérios de mérito e de justiça. Nós vamos conversar com, pelo menos, uma parte das universidades. Vamos ainda definir qual a ação tomar para conversar com quais instituições.

As escolas brasileiras viveram décadas se preparando para o vestibular, agora o foco está migrando para o Enem. O senhor concorda com o modelo que existe hoje do Enem?

Essas coisas todas sempre podem ser discutidas, alteradas. O Enem trouxe alguns avanços significativos. Serve para ver como foi o ensino médio, para dizer para a sociedade inteira onde o ensino médio está bom ou está ruim. Todos os alunos e suas famílias têm que saber se aquela escola vale a pena

ou não. Fora isso, também se criou esse papel de se tornar uma via de acesso à universidade, com grandes êxitos.

Em que pontos o Enem pode ser aprimorado?

Estou falando em tese: você tem todo um instrumento de avaliação que tem que mudar com muita frequência, porque chega uma hora que as pessoas trabalham o instrumento e não a realidade, o Enem se torna o fim em si. Você passa a ter colégio que prepara para Enem, cursinhos focado nisso.

O que acha da ideia do Enem online, defendida por Cid Gomes?

Estamos pensando um caminho para os treineiros (alunos que fazem o Enem apenas para testar).

São frequentes os casos de professores acusados pela violência de alunos e pais. O senhor vê solução?

Cultura de paz é uma meta. São duas coisas ligadas: ética e cultura de paz. Nós temos que ter mais discussão ética. Mas é uma coisa muito delicada, que

tem que ser feito com muito cuidado, não pode ser doutrinação. Tem que ser também um processo educacional. Doutrinar nunca é educar.

Mas pode passar por uma campanha do governo federal?

Vai ter que passar. Nós temos uma secretaria aqui, uma das seis secretarias do MEC, cujo objetivo é justamente reduzir a desigualdade social. E inclusão social não quer dizer só cotas, mas quer dizer acabar com todas as formas de preconceito e discriminação.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa prevê crianças alfabetizadas até o terceiro ano do ensino fundamental. Oito anos não é uma idade elevada?

Olha, também não dá para colocar metas que você talvez não possa atingir. O que nós temos que fazer é conseguir essas conquistas gradualmente.

O Ciências Sem Fronteiras nasceu como uma proposta revolucionária, mas há críticas de que falta controle. Há quem chame o programa de Turismo Sem Fronteiras.

Isso tem até uma certa maldade. Todo o programa novo exige acompanhamento. É um desafio intelectual, você tem que bolar muito bem como se estrutura tudo. Às vezes, você solta muito para que as coisas se acomodem mais ou menos sozinhas e depois você observa se essa acomodação é boa ou não. Aí passa um dos problemas: como você controla mais? Como garantir que o estudante esteja realmente estudando, fazendo o que tem que fazer e, sobretudo, tendo uma responsabilidade social? Esses alunos estão tendo uma renúncia da sociedade brasileira em favor deles. Temos que passar para eles um senso de compromisso social, que muitas vezes falta.

E como vai ser feito isso?

Ah, não sei, tem que discutir. Entra no domínio da ética. Pelo menos o aluno de universidade pública, ele tem que ter muito claro que o ensino de qualidade que está tendo foi pago por outros. Aí bate um problema ético sério da sociedade brasileira: a privatização do diploma. Você cursa a universidade pública e encara o diploma como uma propriedade privada. Não deve nada a ninguém, não deve nada ao governo, nada à sociedade, à universidade, você se lixa. É horrível. Não estou dizendo que os estudantes são antiéticos. Só que não foi colocado

para eles isso, eles não sabem. Então o rapaz entra na faculdade pública, o pai fica feliz, com o dinheiro economizado compra um carro melhor, e o aluno termina o curso sem que tenham dito para ele isso, que a sociedade fez uma renúncia em favor dele.

O senhor acha que esse aluno tem que prestar um serviço social?

Pretendo colocar essa discussão. Mas não como imposição. Há questões em que o processo de discussão é muito mais rico do que uma medida.

Diante das restrições orçamentárias, o slogan Pátria Educadora não é exagerado?

Eu defendo o slogan. A palavra pátria já foi muito mal utilizada, empregada de forma autoritária. É importante recuperarmos para nós. Estamos lidando com as restrições orçamentárias. O que não der com economias vamos tentar adiar, mas não suprimir ações. Dá para passar por essa tormenta, não digo incólume, mas salvando o essencial.

Há uma percepção que os notáveis que se tornam ministros, como Adib Jatene e Zico, acabam sendo engolidos pela máquina pública, não conseguem levar adiante seus projetos. Tem ser vítima dessa maldição?

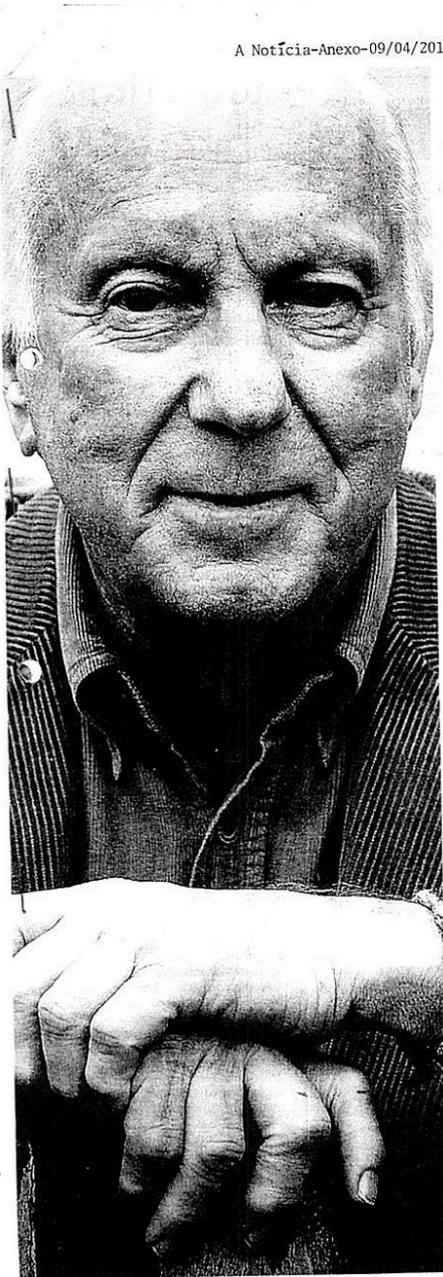
Essa pergunta é tão pessoal. O que me incomoda mais é a estranheza de ter me tornado ministro. É uma coisa muito diferente. Sempre tive uma vida basicamente privada, exerci um cargo na Capes, foi um cargo de poder, mas não de nível ministerial. De repente você está lidando com coisas, você vê uma cena que não acredita que você está ali. Sou eu que estou aqui? (risos). É uma questão quase de que nova identidade você está assumindo.

Qual a marca que o senhor quer deixar da sua passagem pelo MEC?

A preocupação hoje é este ano. Estou entrando num momento de dificuldades orçamentárias, que vai exigir cuidados maiores. A meta do governo, do que eu possa fazer em um pouco menos de quatro anos, vai no sentido de melhorar a educação, em tudo o que for possível, garantindo a justiça social, que acho que é um dos grandes ganhos (dos governos Lula e Dilma). Sou muito exigente em termos de qualidade. Vamos continuar tendo educação regular, com diploma e tudo, mas temos que favorecer cada vez mais formas de educação em que as pessoas aprendam o que querem e como querem.

A Notícia
Anexo
"Talento híbrido"

Sylvio Back / Livro / EdUFSC / Kinopoems – O cinema vai ao poema / Cruz e Sousa / Paulo Leminski / Miguel Bakun / Fernando Pimenta / Rio de Janeiro / Brasil / Aleluia, Gretchen / Cronópios / Fábio Lopes / Editora / UFSC / Santa Catarina / Paraná / O poeta do Desterro / Blumenau



A Notícia-Anexo-09/04/2015

Talento híb

Blumenauense Sylvio Back une cinema e poesia em novo livro lar

CAMILA IARA
camila.iara@santa.com.br

Nacionalmente conhecido pelos filmes que dirigiu, o cineasta blumenauense Sylvio Back é também um entusiasta da poesia. E foi inspirado por grandes poetas que ele lançou o livro *Kinopoems – O Cinema Vai ao Poema* pela EdUFSC.

A obra reúne três vertiginosos poemas em prosa, cada qual dedicado a três artistas brasileiros: os poetas Cruz e Sousa e Paulo Leminski e o pintor Miguel Bakun. O projeto gráfico é assinado pelo designer carioca Fernando Pimenta.

Até para falar sobre a obra o autor não consegue se desvencilhar da poesia:

– *Kinopoems* é, a bem da verdade, uma invenção às avessas: do bruxulear eletrônico os versos retornam ao leito de sua escrita primeira, quando foram criados. E também sacramenta uma contemporaneidade a toda prova: todos os códigos se imbricam, na horizontal, na vertical ou holisticamente. São tão simultâneos e permeáveis quanto interdependentes. Ou seja, se bastam.

Morando hoje no Rio de Janeiro, Back é um dos mais premiados cineastas do Brasil. Ex-jornalista e crítico de cinema, começou a trabalhar com direção cinematográfica em 1962. Já produziu 38 filmes entre curtas, mé-



PAULO LEMINSKI

Lopes, editor da Edit UFSC. Não demorou e dos soberbos personagens poetas Cruz e Sousa (Leminski e o pintor Bakun), cuja vida-morte têm tudo a ver com filmes que respeitam os poetas, os poemas se materializam ao longo de 2014/15 nesta sima colagem textual, física e fotográfica pelo conhecido designer Fernando Pimenta.

Por que decidiu os poemas do livro figuras em questão?

Antes de tudo por autores seminais não apenas da cultura de Santa Catarina, mas da cultura brasileira de todos os tempos. Miguel Bakun, João da Cruz e Sousa e Paulo Leminski deixam uma irreprensível obra completa. Quando pesquisei para escrever o roteiro de *Sousa – O Poeta do Dest* (1999) eu me perguntava: ele tivesse sobrevivido à tuberculose que o matou aos 27 anos, o que mais teria feito? O mesmo pensamento aplica a Leminski, meu amigo pessoal quando morava em Curitiba entre os 60 e 80. Hoje, sem algum, talvez o poeta conhecido e reverenciado Brasil pela sua erudição, mitológica e a própria colagem de seus gênios. Não fui íntimo de Bakun instigante, inquieto e um pintor paranaense do século 20. Conheci em vida galerias, vernissages e provinciana Curitiba nos anos 60.

Suas obras têm algo em comum com o passado blumenauense?

Mesmo não sendo citada, devo a Blumenau uma extraordinária notoriedade ao longo de décadas, tecido a fortuna crítica e *Gretchen*, grande parte da cidade em 1975 e o

dias e longas-metragens. *Aleluia, Gretchen*, de 1976, é considerado o filme brasileiro mais premiado daquela década. E qual será o segredo para diretores que também querem se aventurar no mundo da literatura?

– Não tenha medo: assine embaixo, essa é a sua linguagem! – responde.

Em entrevista ao *Anexo*, Back falou sobre inspirações, amizades, poesia e a relação com a cidade natal.

De onde surgiu a inspiração para o livro?

Inspiração é sempre uma epifania. Com *Kinopoems* não foi diferente. Originalmente, o livro era pura virtualidade. Surgiu como móbil audiovisual no conhecido portal *Cronópios* (cronopios.com.br), em 2006. Os versos ali se movem no éter e numa superfície autoinvertida. Uma prestidigitação de câmara e fonemas com assinatura do descolado editor e designer paulista Pipol, em forma de páginas rigorosamente inusitadas. Medusa tecnológica.

Qual é a proposta da obra?

Foi justamente no encaixe do imaginário da internet que, proposta a ideia de vertido, digamos assim, estes chamados "poemas-roteiro" à concretude e à espacialidade da folha de papel, ela encantou Fábio



CRISTINA VAS DE OLIVEIRA

Talento híbrido

Blumenauense Sylvio Back une cinema e poesia em novo livro lançado pela EdUFSC

CAMILA IARA

camila.iara@santa.com.br

Nacionalmente conhecido pelos filmes que dirigiu, o cineasta blumenauense Sylvio Back é também um entusiasta da poesia. E foi inspirado por grandes poetas que ele lançou o livro *Kinopoems - O Cinema Vai ao Poema* pela EdUFSC.

A obra reúne três vertiginosos poemas em prosa, cada qual dedicado a três artistas brasileiros: os poetas Cruz e Sousa e Paulo Leminski e o pintor Miguel Bakun. O projeto gráfico é assinado pelo designer carioca Fernando Pimenta.

Até para falar sobre a obra o autor não consegue se desvencilhar da poesia:

— *Kinopoems* é, a bem da verdade, uma invenção às avessas: do bruxulear eletrônico os versos retornam ao leito de sua escrita primeva, quando foram criados. E também sacramenta uma contemporaneidade a toda prova: todos os códigos se imbricam, na horizontal, na vertical ou holisticamente. São tão simultâneos e permeáveis quanto interdependentes. Ou seja, se bastam.

Morando hoje no Rio de Janeiro, Back é um dos mais premiados cineastas do Brasil. Ex-jornalista e crítico de cinema, começou a trabalhar com direção cinematográfica em 1962. Já produziu 38 filmes entre curtas, mé-



PAULO LEMINSKI

dias e longas-metragens. *Aleluia, Gretchen*, de 1976, é considerado o filme brasileiro mais premiado daquela década. E qual será o segredo para diretores que também querem se aventurar no mundo da literatura?

— Não tenha medo: assine embaixo, essa é a sua linguagem! — responde.

Em entrevista ao *Anexo*, Back falou sobre inspirações, amizades, poesia e a relação com a cidade natal.

De onde surgiu a inspiração para o livro?

Inspiração é sempre uma epifania. Com *Kinopoems* não foi diferente. Originalmente, o livro era pura virtualidade. Surgiu como móbil audiovisual no conhecido portal *Cronópios* (cronopios.com.br), em 2006. Os versos ali se movem no éter e numa superfície autoinvertidos. Uma prestidigitação de câmara e fonemas com assinatura do descolado editor e designer paulista Pipol, em forma de páginas rigorosamente insuspeitas. Medusa tecnológica.

Qual é a proposta da obra?

Foi justamente no encaixe do imaginário da internet que, proposta a ideia de verter, digamos assim, estes chamados "poemas-roteiro" à concretude e à espacialidade da folha de papel, ela encantou Fábio

Lopes, editor da Editora da UFSC. Não demorou e diante dos soberbos personagens (os poetas Cruz e Sousa e Paulo Leminski e o pintor Miguel Bakun), cuja vida-obra-e-morte têm tudo a ver e a haver com filmes que realizei a respeito deles, os poemas acabaram se materializando ao longo de 2014/15 nesta belíssima colagem textual, tipográfica e fotográfica produzida pelo conhecido designer carioca Fernando Pimenta.

Por que decidiu dedicar os poemas do livro às três figuras em questão?

Antes de tudo por serem autores seminais não apenas da cultura de Santa Catarina e do Paraná, mas da cultura brasileira de todos os tempos. Miguel Bakun, João da Cruz e Sousa e Paulo Leminski deixaram uma irrepreensível obra completa. Quando pesquisava para escrever o roteiro de *Cruz e Sousa - O Poeta do Desterro* (1999) eu me perguntava: se ele tivesse sobrevivido à tuberculose que o matou aos 37 anos, o que mais teria escrito? O mesmo pensamento se aplica a Leminski, meu amigo pessoal quando morávamos em Curitiba entre as décadas de 60 e 80. Hoje, sem favor algum, talvez o poeta mais conhecido e reverenciado do Brasil pela sua erudição, inimitável dicção e a própria bricolagem de seus geniais versos. Não fui íntimo de Bakun, o mais instigante, inquieto e angustiado pintor paranaense do seu tempo, mas o conheci em vida nas ruas, galerias, vernissages e bares da provinciana Curitiba na cúspide dos anos 60.

Suas obras têm alguma relação com o passado vivido em Blumenau?

Mesmo não sendo explicitamente citada, devo a Blumenau a extraordinária notoriedade que, ao longo de décadas, tem municiado a fortuna crítica de *Aleluia, Gretchen*, grande parte filmado na cidade em 1975 e considerado

o filme brasileiro mais premiado da década. Não à toa que a crítica o elenca como um clássico do nosso cinema, fato que muito me orgulha, pois o longa-metragem, além de referência em termos de linguagem, levantou pela primeira vez no país o conluio político do integralismo e do nazismo, então moeda corrente nos Estados sulinos durante a ditadura Vargas-Kubitschek. Se não pontual e geograficamente personagem de minha obra cinematográfica, poética, de roteirista e de escritor, Blumenau voeja por incontáveis fotogramas, textos, entrevistas e versos.



CRUZ E SOUSA



KINOPOEMS - O CINEMA VAI AO POEMA
De Sylvio Back.
EdUFSC. 52 págs.
R\$ 40

Diário Catarinense

Cristian Weiss

“Primeira turma indígena da UFSC é formada”

UFSC / Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
/ Guarani / Kaingang / Laklãnõ / Xokleng / Florianópolis

PRIMEIRA TURMA INDÍGENA DA UFSC É FORMADA

Foi formada ontem a primeira turma do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, que iniciou em 2011, composto por alunos Guarani, Kaingang e Laklãnõ/Xokleng de cinco Estados, tendo como fundamento a questão territorial. O curso agrega experiências na universidade, em Florianópolis, e nas comunidades, considerando o conhecimento dos sábios indígenas.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

['Tapete' de algas invade mar de Fernando de Noronha](#)

[Viva Florianópolis! E como são belos os cavalos!](#)

[Pesquisador de SC descobre a menor orquídea do mundo](#)

[UFSC divulga a 7ª chamada do Vestibular 2015 e datas de matrícula dos aprovados](#)

[Estudante de Filosofia da UFSC vai representar o Brasil no Mundial de Aviões de Papel na Áustria](#)

[UFSC divulga sétima chamada do Vestibular](#)

Projeto conjunto entre IFSC e UFSC desenvolve refrigerador movido a energia solar

Menor orquídea do mundo é encontrada por pesquisador da UFSC em Florianópolis

UFSC publica 7ª chamada do Vestibular 2015

Em parceria com o Tribunal de Justiça, UFSC terá mestrado profissional em Direito e Núcleo de Mediação e Conciliação

Direitos Humanos e Diversidades Sexuais na escola

Blumenauense Sylvio Back une cinema e poesia em novo livro

35 concursos públicos pagam salários de até R\$ 29,3 mil

Biólogos da UFSC encontram menor flor de orquídea do mundo

UFSC intensifica segurança após frequência de crimes no campus

Renato Igor comenta sobre as mudanças na UFSC e no HU

Renato Igor comenta sobre o ponto eletrônico na UFSC